

TRIBUNA Livre

19
ABRIL
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62118 - AMARES

Cristo nas Trincheiras

E NOS CORAÇÕES

Por EME

O Cristo mutilado de Neuve Chapelle repousa, agora, junto da campa do soldado desconhecido, no Panteão da Batalha, como sinal evidente da imperecível espiritualidade que une duas pátrias latinas: Portugal-França, sempre prontas a lutar pela defesa da civilização ocidental em que têm mergulhas, bem fundas, as suas raízes multisseculares, sempre diligentes em salvaguardar as legítimas aspirações da humanidade, paladinas da justa causa do Amor a Deus, à Liberdade e ao Próximo.

Se há nações que se possam identificar pela divisa comum da latinidade, expressa nos mais profundos sentimentos cristãos, puramente vividos e eficazmente dilatados nos povos que civilizaram, Portugal e França constituem o expoente mais alto desses valores espirituais, que o binómio Lourdes-Fátima tão vincadamente exprime, em aprovação clara da Mensageira Celestial do Amor.

Cristo manteve-se nas trincheiras de Armentier, entre os soldados portugueses, como valioso companheiro de armas, como seu Capelão-Mor, espa-

lhando bençãos e reconfortando almas despedaçadas pela dor e pela desolação, porque, sem dúvida, o mesmo Cristo havia entrado em seus corações e ali se entrincheirou em seguros redutos, para que já-mais de lá saísse; antes: o sofrimento e a morte quiseram erguer mais alto a fortaleza do Amor, que lhe inspirava Aquelle que havia sido o Campeão do Sofrimento e que, ali mesmo, continuava a sofrer, por ver sofrer os seus amigos portugueses.

Como inseparável amiga,

que o mostrou ser, na amargura da vida, quando o ribombar da metralha despedaçava corpos e almas, essa Imagem Milagrosa foi lembrada pelo tempo fora e tinha entrado desde há muito no domínio histórico do Corpo Expedicionário Português, embora sem ter entrado na posse daqueles, para os quais, continua a mais sagrada das relíquias; mas a doação feita pela Família Bocquet pôs termo às laboriosas diligências que se fizeram pela

(Continua na 4.ª página)

«IMPrensa E PUBLICIDADE»

Com este título saiu a lume nas colunas deste mesmo jornal e no seu último número, um artigo da autoria do Snr. Esse.

Apraz-me, pois, registar os conceitos que nele se contêm por coincidirem perfeitamente com a orientação que para mim mesmo tracei nos artigos que escrevi em defesa dos legítimos interesses da minha querida terra de Vila Verde.

Diz o Snr. Esse e muitíssimo bem que «Ferir alto, esvoa-

çar por longe dos enredos e das intrigas caseiras e comessinhas que se alimentam em todos os meios» é a melhor forma de liquidar «a política rasteira e mesquinha que não lisongeia as vítimas nem os autores».

Mas é que eu não fui tão longe como o senhor Esse aconselha, pois nem sequer «Ferir alto» foi o meu objecto! Limitei-me—isso sim—a apontar erros e a sugerir ideias com o fim único de promover e conseguir o progresso da minha terra em todos os aspectos.

Pretendia, assim, colaborar, criticando construtivamente, uma vez que eu compreendo muito bem que certos problemas podem escapar à auto-crítica das pessoas responsáveis e e que não vivem exclusivamente da e para a administração municipal.

(Continua na 4.ª página)

BAIXOU A ÁGUA

No último número deste semanário, em notícia da última hora, demos conhecimento aos nossos leitores de que a água ia baixar, dando-se satisfação a uma justíssima aspiração de todos os consumidores.

De todos os lados nos foram chegando manifestações de satisfação e agradecimento para com o Sr. Presidente do Município, a quem se deve esta acertada medida. Tal como prevíamos, o espírito de gratidão não se fez demorar e o ambiente de unanimidade, como ele se fez notar, deve ter sido recompensadora paga para quem conseguiu esta decisão.

Segundo nos consta foi o Ex.º Governador Civil, Juiz Conselheiro Dr. António de Azevedo Abranches, que junto do Sr. Ministro das Obras Públicas foi intérprete do pedido do Sr. Presidente da Câmara.

O Concelho tem sido servido por uma série de decisões justas que têm causado a maior satisfação e o apoio unânime dos que querem e acreditam no nosso progresso.

Um episódio

NA VIDA LITERÁRIA DE MONTEBELO

Por DOMINGOS M. DA SILVA

Questões de que hoje nos rimos, por frivolidades e bagatelas, foram outrora motivo de grandes pendências.

Teve-se por boa razão que Faria e Sousa anotara o Nobiliário do Conde D. Pedro para fazer desaparecer do primitivo Livro das Linhagens um tal Ruy Capam—tronco de muita fidalguia a quem convinha que se cancelassem certas referências pouco lisongeiras, pois daquele apelido se deduzia a condição de *cristão-novo=iudeu*, quando a pureza de sangue era ponto muito sério a considerar para os que pretendiam introduzir-se nas fileiras da nobreza.

Com verdade ou sem ela, era opinião de conceituados linhagistas que esta alcunha (de «Capam») era proveniente de ter recebido *de pé* o baptismo e de que o valimento que alcançara na corte e no exercício de bem qualificados cargos palatinos não era devido senão às fabulosas riquezas que possuía e por demais confirmavam tal suspeita.



N.º Marquês de Montebelo -
Felix Machado... o seu retrato em
copo-enturo, na galeria de quadros do palácio dos, con dos da Figueira, é atribuído a Velasquez

Contra os que porventura assim o julgavam por malícia, é que Montebelo, além de publicar igualmente as suas «Notas ao Livro das Linhagens», pretendeu provar, com seu natural conhecimento de causa, ou sagaz fantasia, que aquele apelido era o da sua pátria ou origem; e era o que se obtinha de um epitáfio encontrado em S. Vicente de Fora, de Lisboa, quando ali se reformou o claustro.

Nestes dizeres:

«Hic jacet Rodericus Capuanus
«Filius Ferdinandi Capuani,
«In insula Siciliae natus...

«Aqui jaz Rodrigo (ou Ruy) Capuam
«Filho de Fernando Capuam,
«Nascido na ilha da Sicília...

Deste modo se travavam acesas lutas e, à falta de outras, nelas se terçavam espadas, se formavam correntes e paixões impetuosas que arrastavam e destronavam créditos e reputações, no tempo em que os pergaminhos de família eram considerados à vista, por vezes miope, dos séculos retrógrados.

Hoje, que o homem é superior, ou inferior, conforme os conceitos; que por essas cidades é bem insignificante o reparo contra os que *de pé* vão ao baptismo e às vezes de bem pouco o antecipam ao do matrimónio; tenha-se presente que Montebelo era um espírito avançado ao seu tempo e foi dos que de longe vieram a apregoar bem alto que de nada valia a nobreza do nascimento, se não tivesse por aliada a verdadeira nobreza das acções.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

S. Tiago, está em ruínas, no topo do monte da mesma invocação.

Foram edificadas em princípios do século XVIII.

A de N. Senhora do Resgate está há muito profanada; o mesmo acontece a respeito da de S. Pedro ou Santa Marinha, da casa Arantes; a de S. Francisco, no Outeiro, infelizmente para lá caminha e só há que lamentar que vão desaparecendo estes bens e valores culturais, por se encontrarem em mãos que não sabem dar-lhes o devido apreço.

É nesta freguesia a antiquíssima torre e solar de Ornelas ou Dornelas.

Consta ter sido dos Francos, que descendiam da casa real de França.

Chama-se *torre do Outeiro*, é quadrada, com uns 14 metros de altura; já não tem ameias.

Pagavam-lhe dantes os foreiros, anualmente, 15 varas de bragal.

Diz-se que foi constituída pelos moldes da *torre de Vilar*, em Figueiredo, de que nem vestígios existem.

(Continua na 6.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Ser rapariga ou parecê-lo

é a tendência principal das novas colecções

«Baby-Doll», «Baby-Lock», «Petite-Fille» «A do le scene» «Jeune-Fille» e até «Jeune-Dame» são os nomes que os costureiros franceses nos cantam, agora, aos ouvidos. Mocidade é graça, graça e mocidade-eis o que promete, em grandes parangónas, a moda actual e muito principalmente a quem tiver as pernas bonitas.

Desaparecidos da cena os «idosos» da alta-costura parisiense—com excepção da casa «Chanel»—ficaram os mais «novos, onde se contam alguns jovens, a comandar o difícil sector. E parece que não se saíram mal do encargo, pois não só a imprensa parisiense, sempre um pouco suspeita de parcialidade, mas até a estrangeira e concorrente gabaram as belezas das novas linhas 1958 e elogiaram os artistas que atiraram para a rua e para o mundo as «colecções mais luminosas, mais frescas, mais juvenis dos últimos vinte anos». Moda bonita, esta? Talvez não, talvez sim...

A moda, quando aparece, pelas novidades que traz consigo, pelos traços estranhos aos nossos olhos, pelos cortes desusados que encerra, sempre nos parece um pouco difícil de agradar. Mas depois da feia linha-saco das últimas estações, tão feia que meteu medo a quase todas as senhoras—o bocadinho de roda e graça da nova moda faz-nos com que a olhemos quase com simpatia.

A característica principal é o encurtamento notável das saias. Quer gostemos, quer não, elas subiram quase até ao joelho e não só nos vestidos práticos. Nos «de mais vestir» e até nos reservados às cerimónias nocturnas essa característica mantém-se e até se acentua, por vezes.

Depois das saias curtas vêm as flores. Um raminho de junquillo pregado o mais desprezenciosamente possível, na aba do panamá, na banda do casaquinho, a sair de uma algaibeira, ou uma rosa farfalhada, feita de setim ou de organdi, em cor de rosa de qualquer tom, presa na bainha da saia, no remate do decote ou na laçada da cintura, darão uma nota absolutamente 1958.

Depois veem as manguinhas quimono, cortadas uns dez centímetros abaixo do ombro e não só nos vestidos e blusas, mas também nos casacos compridos de «abafo». Outras cuiças elegantes que vamos usar: luvas curtas, sem canhão, como usam ser as das adoles-

cêntes em dias de cerimónia; muito branco, não só nas golinhas de piqué ou tafetá mas também em vestidos de passeio e nos de noite; estampados em desenhos largos, de flores em vez dos grandes colares de pérolas das mulheres fatais, «coleirinhas de cão» com três ou quatro voltas de pérolas ou contas coloridas (o colar grande do ano passado pode enrolar-se no pulso); os casaquinhos dos «tailleurs» bastante curtos e largos; a completa desvalorização do seio e... sapatos extraordinariamente em bico.

A moda «bébé» é toda para as raparigas que tanta vez perdem grande parte dos seus encantos, armando em: «mulheres fatais.» Que elas saibam

aproveitar tudo aquilo que valoriza a sua idade. Aquilo que não há dinheiro algum no mundo que possa comprar e é, muito simplesmente, a frescura da pele, a graça do sorriso, a leveza dos movimentos. Na moda que vamos usar serão as mulheres a correr aos artificios para imitarem esse frescor de pele e essa simplicidade de gestos que constituem um tesouro, um tesouro escondido que as jovens ignoram possuir e tanta vez destroem irremediavelmente.

Juventude e simplicidade são as palavras de ordem e é bem fácil ser simples e ser jovem quando não se passou a meta dos trinta. Quanto às que já passaram essa casa, resignem-se por uns meses. Não tardará que os costureiros se esqueçam, mais uma vez, das raparigas e dos encantos, para se voltarem para as outras mulheres, que afinal, são sempre quem lhes dá mais dinheiro a ganhar.

ra, agora possuidora de sais minerais. A *sopa de legumes* deve ficar bastante grossa, pode aclarar-se um pouco com uma pequena quantidade de leite e, na altura de ir para a mesa, junta-se-lhe uma boa quantidade de manteiga sem sal e umas tirinhas de pão frito.

COMO SE DEPENAM HOJE AS AVES

A deplumagem dos frangos e outras aves de penas, que nas cozinhas domésticas continua a fazer-se à mão, nos grandes hotéis e nas casas da especialidade é executada por máquinas próprias, num período de tempo excepcionalmente curto. Há máquinas que depenam em meio minuto meia dúzia de frangos, e com outra perfeição.

Um dos primeiros modelos que apareceram no mercado era formado de dois rolos que giravam em sentido contrário, os quais prendiam as penas e as arrancavam, lançando-as num saco. Este processo, chamado «seco», foi substituído por um outro, «húmido».

Este segundo, consta de uma caldeira cilíndrica ou quadrada, no qual o calor da água se mantém à temperatura constante de 52°, por meio de um termostato. Os frangos mergulham-se, durante algum tempo, na caldeira, colocando-se em seguida na deplumadora, formada por um rolo onde há numerosos ganchos de borracha que prendem as penas e as arran-

CULINÁRIA

UMA BOA TRADIÇÃO: A SOPA

A *sopa* é um dos elementos-base da cozinha em geral. Haverá quem diga que não é, foi, que é menos hoje de que ontem. Grande engano...

Se é certo que nem todas as refeições, mesmo o jantar, começam hoje ritualmente por uma ou duas pratadas de *sopa*, a tradição continua arreigada em todos os lares da província e, numa vasta proporção, nos lares urbanos. Uma ou mais sopas figuram em todas as ementas e em todos os hotéis e restaurantes. Enfim, a *sopa* mantém-se na linguagem familiar como o próprio símbolo da refeição e não é raro ouvir-se dizer «Vou-me chegando à sopa», quando se fenciona ir jantar. «Vem comer a sopa comigo», quando se convida alguém da intimidade para a nossa mesa...

Se algumas donas de casa, a braços com a falta de tempo, ou inspiradas por qualquer mania «dietética» suprimem por decisão própria a sopa das suas ementas, com a chegada do Inverno mudam, muito fre-

quentemente, de ideia. E, de facto, haverá coisa melhor de que uma sopa bem untosa e quente, depois de um dia inteiro de frio e de trabalho?

Para aquelas leitoras que se vão esquecendo do «prato-base» que é a *sopa*, vamos despertar-lhes o apetite com algumas receitas muito agradáveis:

SOPA DE LEGUMES

A chamada *sopa de legumes* tem uma composição variável. Comporta geralmente cenouras, batatas, nabos, feijão verde, feijão seco, cebolas, um dente de alho, para quem gostar. Esta lista não é limitativa: também não é obrigatória. As donas de casa experientes, as que sabem do seu ofício, juntam-lhe as folhas sãs, mas demasiado duras para serem comidas cruas, da alface... Todos estes legumes são levados ao lume com água fria, temperada de sal, e deve ferver, em lume brando, durante muito tempo.

A seguir, passam-se os legumes bem cozidos pelo *passa-purés* e deita-se a massa na água da cozedu-

Já sabia?

Nódoas de vinho

Para tirar as nódoas de vinho a melhor droga é a água de Javel. Molha-se com ela a nódoa e apenas esta haja desaparecido, imerge-se o tecido em água limpa e esfregam-se bem os pontos onde tiver operado a água de Javel. Esta operação é também aplicável às nódoas de fruta. Deve proceder-se rapidamente. É também aconselhável imergir o tecido imediatamente depois de produzida a nódoa em leite a ferver, mas, para poder proceder assim é preciso que as nódoas não tenham sido previamente molhadas com água.

Quem lava

deve saber

Quando as nódoas na roupa branca resistirem à cor e ao tratamento com lixívia fortes pode-se proceder do seguinte modo:

Preparam-se estas três soluções:

1.º permanganato de potassa, 2 grammas; água 100 cm. cúb.

2.º Hipossulfito de sódio, 15 grammas; água 100 cm. cúb.

3.º Ácido clorídico comercial, 8 grammas; água 100 cm. cúb.

Mergulha-se a roupa enodada na 1.ª solução durante 5 a 6 minutos.

Entretanto misturam-se a 1.ª e a 2.ª solução e de repente introduz-se nela o tecido deixando-o aí até a descoloração de permanganato, que deverá corresponder à descoloração da nódoa; seja porém como for, nunca se deixa nesta solução mais de 10 minutos para evitar que o tecido se estrague. Enxagua-se e com água abundante. Se a primeira operação não foi suficientemente eficaz pode repetir-se. Este tratamento, apenas aplicável à roupa branca, costuma dar excelentes resultados.

cam. Este processo tem a vantagem de deixar a pele perfeitamente intacta, agradando muito mais ao consumidor.



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

A Festa da Goma, na Senhora da Abadia

decorreu com muita concorrência e solenidade

Como é tradicional realizou-se, no passado Domingo, no Santuário da Senhora da Abadia, a secular Festa da Goma, que levou àquele recinto grande número de fieis que foram implorar, mais uma vez, a ajuda da Mãe de Deus, Rainha dos Anjos, Senhora Nossa.

Também ali acorreram as autoridades locais convidadas para os festejos e para a inauguração dos melhoramentos ali levados a efeito pela Mesa da Confraria durante o ano findo e principio deste.

Cerca das onze horas e trinta minutos organizou-se uma procissão, sob a presidência do senhor Arcipreste Padre Manuel Matias Pereira do Lago e Costa, rodeado pelos Padres Francisco Almeida, Albino José Fernandes Alves, Arnando Barreto Marques e Paulo da Costa, seguidos pelo senhor D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena, ilustre presidente da Câmara, Adão Arantes Russell, vice-presidente e demais autoridades, bem como a Mesa da Confraria assim constituída: Juiz—Carlos Augusto Gonçalves; Secretário—António José Antunes de Almeida; Tesoureiro—José Manuel da Mota; e vogais—Adelino Augusto Pereira, Manuel Joaquim Dias e João Manuel da Silva.

Por entre palmas, o senhor Presidente da Câmara cortou a fita simbólica à entrada da Casa das Esmolas, abrindo-se em seguida aquela casa para receber os presentes.

O senhor Arcipreste usou da palavra para dizer do esforço feito pela Mesa para embelezar e engrandecer o Santuário e da honra que todos sentiam em ver presente o Presidente do Município, que o concelho admira e estima, pelas suas altas qualidades.

Agradecendo o senhor Presidente da Câmara disse que a

honra era sua e quanto era seu gosto ajudar, na medida do possível, para que este Santuário atinja o alto esplendor de outros tempos, terminando por agradecer todas as deferências de que foi alvo, terminando as suas palavras por entre palmas e o estrealjar de foguetes.

Seguiu-se a missa, com o maior esplendor litúrgico, tendo proferido o sermão, com o maior brilho e escutado com a maior atenção, o senhor Padre Albino José Fernandes Alves.

Ao almoço, que a Mesa ofereceu às autoridades e párocos, o Senhor D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena, Presidente da Câmara, ladeado pelos senhores Engenheiro Alegria Martins, Director dos Serviços de Urbanização do Distrito; Engenheiro Chefe dos Serviços Florestais; Padre Lago e Costa, Arcipreste de Amares; Adão Arantes Russell, vice-presidente da Câmara, etc.

Findo o almoço usou da palavra o Sr. Padre Francisco Almeida, presidente da Assembleia Geral da Mesa, que fez um apelo aos presentes, especialmente ao senhor Presidente da Câmara e Engenheiro Alegria Martins, no sentido de ajudarem às realizações que têm em vista e que irão embelezar bastante este Santuário. Terminou por anunciar que em breve vai publicar uma obra sobre a Senhora da Abadia.

Falaram ainda os senhores João Barbosa de Macedo e o senhor Arcipreste Padre Lago e Costa, inaltecendo este os factos históricos que se prendem ao Santuário, apelando para a realização de algumas obras, inclusivamente, da electrificação de Bouro.

Finalmente falou o senhor Presidente da Câmara que reafirmou o prazer e a honra que a visita em curso lhe dava, re-

Reparação Exterior dos Prédios

Nota-se em certa parte da Vila que os proprietários de prédios urbanos não cuidam das fachadas como devia ser e até como a lei obriga.

Já que não procederam a limpeza por ocasião da Páscoa, como é tradicional, ao menos o façam agora que vai entrar o Verão e, mesmo antes que ele entre, se levarão a efeito as Festas de S. António.

Se o não fizerem voluntariamente certamente que a Câmara Municipal fará uso das Posturas Municipais para o efeito.

ferindo as dificuldades monetárias do Município para acorrer a todas as necessidades, mesmo assim tudo faria para atender as solicitações, especialmente as da electrificação da área nascente do concelho, para que está pedida a participação do Estado.

Terminou por saudar e insinuar a Mesa, sendo muito ovacionado a final.

Dado o mau estado em que se encontram os órgãos e o Sacrário do Santuário, a mesa abriu, no dia de Festa, uma subscrição para o concerto dos primeiros e reforma do segundo, obras em que deve gastar 20.000\$00.

Logo nesse dia a subscrição deu o seguinte resultado:

João Baptista Fernandes... 6.000\$00
Carlos Augusto Gonçalves... 1.000\$00
Francisco J. da Silva R. Costa... 1.000\$00

Banda de Amares

Este conjunto musical, que tanto prestígio a terra, tem recebido ultimamente numerosos convites, para abrilhantar diversos festejos.

Devendo ao esforço incansável do seu regente sr. António Joaquim Alves de Amorim, que se encontra à frente deste Conjunto, este encontra-se em excelentes condições de satisfazer os mais exigentes apreciadores. Os ensaios a que tem sido submetida, têm sido de grande alcance para o bom êxito desta Banda.

Damos pois os parabéns ao sr. Amorim, pelos esforços que tem feito, pois já viu coroadado de êxito todo o seu esforço.

Pena é que nem todos os Amarenses compreendam melhor, o que é ter um conjunto musical.

Concelhos há que desejariam ter uma Banda, mas não existe veia musical, como a tem este concelho.

O que seria a nossa Banda se não fôsse a saída de elementos para o estrangeiro e outros que andam em Bandas fora do concelho!

A música é a divina arte, merece a ajuda de todos.

A. A. M.

INCÊNDIO

Pelas 4,30 horas da madrugada do dia 16 do corrente, quando a patrulha à vila, composta pelos soldados Manuel Joaquim Alves N.º 173 e Zacarias Gonçalves Barbosa, se encontravam no seu serviço, em dada altura, notaram que haviam gritos de socorro, dando alarme de fogo.

Assim logo que se aperceberam do sinistro, procuraram providenciar para que os sinos tocassem a rebate, sinal vulgarmente utilizado nesta área. Verificaram que o incêndio teve o seu início numa arrecadação de lenhas e outros arrumos, contigua a uma casa de habitação, pertencente aos herdeiros de José António Alves Leite e habitada por Fernando da Silva Araújo.

Compareceram no local os Bombeiros V. de Amares que extinguiram o sinistro com uma agulheta.

A G. N. R. prestou relevantes serviços, com os Bombeiros.

Os prejuízos cousados elevam-se a cerca de 6.000\$00 escudos, estando cobertos pelo Seguro.

Rotura da canalização da água

Quando se procedeu ultimamente à fiscalização das bocas de incêndio pelo pessoal dos Bombeiros Voluntários, notou-se perto da rua do Cemitério Municipal que existiam duas roturas que prejudicam a potência das bocas de incêndio mais próximas, se tiverem de ser utilizadas em caso de emergência, pelo que se chama a atenção do pessoal respectivo para que sejam reparadas.

Imprensa e Publicidade

(Continuação da 1.ª página)

Pensei, portanto, que fazendo reparos e apresentando sugestões, contribuiria para a solução de problemas que já não são de agora e que por não terem sido metódica e lentamente resolvidos se acumularam assustadoramente, constituindo, por certo, um enorme pesadão para quem deve e pode solucioná-los.

Porém, do que eu não tenho culpa é que a tal «política rasteira e mesquinha que não li-songeia as vítimas nem os autores» não tivesse deixado ver as minhas claríssimas intenções e não tenha pedido «esvoaçar por longe dos enredos e das intrigas caseiras e mesquinhas»... Não quiseram ou puderam entender-me, paciência...

Resta-me, pois, regosijar-me com os conceitos do Senhor Esse, que não tenho o prazer

ZOROBABEL CAMPOS

Há conterrâneos nossos de extrema simpatia, sendo um deles, dos mais dedicados, o Sr. Zorobabel Campos, que de tempos a tempos nos presenteia com jornais e revistas em grande quantidade, o que, além do que merece o acto em si, reveste-se de muito apreço e significado pelas palavras elogiosas de que faz acompanhar a oferta. Retribuímos com amizade.

Aniversário

Ocorreu na passada quarta-feira, dia 16 do corrente, o aniversário da gentil menina D. Carolina Arantes Rodrigues, professora oficial na escola da freguesia de Carzedo.

Por este motivo os seus sobrinhos Rui, Mili e Maria da Conceição, felicitam-na, desejando-lhe muitas prosperidades.

HUMORISMO DOIS MEIOS

Numa aldeia minhota, em dia de festa, dois fieis paroquianos estavam na Igreja à espera do sermão.

Como o pároco se demorasse, disse um para o outro:

— ¿ Vamos ali de fronte beber meio litro, enquanto não chega o Sr. Abade?

Foram e, quando voltaram, ainda nada de prégador.

Nova demora.

Apertou a sêde e repetição do mesmo convite:

— Vamos beber outro meio.

Recusa o companheiro e nisto chega o prégador.

Sobe ao púlpito e diz:

«Meus amados irmãos: para um cristão se salvar, bastam dois meios...»

O companheiro tocando no braço do outro:

— Eu não te disse? Vamos lá beber o outro meio.

— e estamos salvos!

OBSERVAÇÃO

— Oh, mamã, os soldados não são mais do que meninos grandes, ¿ não é verdade?

— ¿ Porque dizes isso minha filha?

— É porque os vejo sempre a passear com as criadas.

de conhecer e que são deveras apreciáveis numa época, como a nossa, tão carecida de opiniões desassombradas!...

O Senhor Esse, nesta emergência, foi um verdadeiro, um autêntico S. O. S. salvador que veio ao encontro meu!...

Fausto Feijó

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em Coucieiro—Vila Verde

Cristo nas Trincheiras

(Continuação da 1.ª página)

posse do chamado «Cristo das Trincheiras», cruelmente mutilado pelos estilhaços do ódio vociferado pelas bocarras mortíferas das armas que dividiam a Família Europeia, e, finalmente, entra em Portugal, coberta de todas as honras, essa imagem do Cristo Redentor que, além das feridas dilaceradas pela maldade dos judeus, sofreu uma outra afronta que os próprios judeus lhe quiseram poupar, ou que Ele mesmo não consentiu lhe fizessem no suplício do Calvário: o Cristo das Trincheiras trazia as pernas partidas, barbaramente mutiladas, mas carinhosamente envoltas nas bandeiras nacionais das Duas Pátrias amigas.

Há quarenta anos, em La Lys, os alemães certamente bem informados pelos seus serviços de espionagem, tentaram romper a frente de batalha pelo ponto aparentemente mais fraco, — pois não haveria razões de toda a ordem para que a defesa fracassasse, para que reinasse nas nossas linhas desgosto e desalento provocados pela falta de apoio material e moral que a Mãe Pátria negava a esses filhos engeitados da Flandres?

O frio cálculo germânico, que tudo levava em conta e não desprezava até o mundo insondável dos imponderáveis, enganou-se redondamente com os portugueses.

Mão soube compreender que ali estavam postados os descendentes de Viriato, os sucessores dos soldados que haviam estado em Ourique e no Salado, em Aljubarrota e em Valverde, nas Guerras da Restauração e da Sucessão, em Africa, no Brasil e sobretudo na Índia, e que tantas vezes souberam vencer em lutas titânicas de 1 contra 10, exactamente como em La Lys, batalhas sem conta, com Cristo e para Cristo.

Ali estava representada, por almas de gigantes, uma Nação Gigante a que só viam a cabeça — está nem sempre em seu lugar! — mas em que se não havia extinto a centelha do génio e da bravura indómita que sempre ditou a lei, ainda em vigor, de ser necessário lutar corpo-a-corpo, quando esgotada a metralha e quebrada as armas, para passar sobre os portugueses, como sucedeu em 9 de Abril, que foi mais um exemplo magnífico do valor da raça lusitana.

É que ali em França estava o génio lusitana servido por Cristo, força que, assim unida, jamais foi possível vencer; é que ali estavam homens como Gomes da Costa e Almeida Barbosa, que sempre souberam honrar a Pátria e a Fé dos seus maiores.

Todos conhecem demasiadamente o herói da incruenta Revolução do 28 de Maio, para que seja necessário repetir aqui o seu elogio.

Os nossos leitores viram também já, nas nossas colunas, exaltadas as qualidades do soldado íntegro que foi Adolfo de Almeida Barbosa; porém, Amares esquece este seu filho que se elevou ao generalato por distinção, precisamente pelo valor demonstrado em França no comando da célebre Brigada do Minho. Em Setembro do ano findo, por ocasião do centenário do seu nascimento, pudemos retratá-lo nesta singelas, mas exactas palavras: «Esta figura de homem bom, num exemplo raramente igualado, aliava à bondade paternal para com os seus subordinados, os melhores dotes de energia disciplinadora, imposta à força do exemplo dado, de coragem, de abnegação e de acendrado zelo militar, ajudado por um carácter ímpoluto, inteligência lúcida, vontade forte, paternal carinho, afinal por uma caridade cristã sem limites, que era o seu lema, o seu foral mais seguro, — esta figura gigante, foi, sem dúvida, a de um militar digno da maior admiração e respeito».

Parece-nos azado o momento de imitar Viana do Castelo, que o não viu nascer mas lhe consagrou o nome numa das suas praças, como preito de homenagem ao seu heroico valor de soldado, dedicado inteiramente à Pátria, a Deus e à Família.

A uma das artérias com que em futuro próximo se pretende alargar a Vila, ficaria bem atribuir-se a denominação de General de Almeida Barbosa.

Seria justa e apreciada homenagem a este ilustre amarense.

EME

TRIBUNA DE VILA VERDE

(Continuação da 6.ª página)

dades que o sr. Bastos não reúne, segundo a versão dos elementos competentes.

Não nos move qualquer má vontade — nem aos restantes membros da direcção — contra o sr. Bastos, antes pelo contrário, pois até lhe estamos gratos por ter acedido ao nosso pedido, numa altura em que precisamos dos seus serviços e em que tínhamos já vários compromissos. Porém,

CONTRA FACTOS NÃO HÁ ARGUMENTOS, e não tivemos outro caminho a seguir senão voltarmos a utilizar os serviços da pessoa que nos salvasse o clube e a respectiva taça, e nos tirasse de apuros sobre o verdadeiro e caótico estado em que nos encontrávamos, ao fim de três meses de sacrifícios, com uma heptensão de tal forma elevada que pouco faltou para estourarmos.

Por esta razão e por outras que não vale a pena enumerar, parece que o sr. Teixeira Bastos, não pode acusar a Direc-

ção, de não ter cumprido a sua missão e seus compromissos, com estoicismo e boa vontade.

Ouve guerra? Desinteligências? Ouve. Mas disso lava a Direcção as suas mãos porque não é ela que vai executar as partituras! e na luta decisiva, optou pela conservação dos seus valores, caminhando a par e passo na sua espinhosa missão.

É claro que toda a direcção poderá demonstrar, que no exercício das suas funções, agiu com toda a lealdade, clareza e lisura, pelo que era de toda a vantagem que lhe não assacassem responsabilidades que não tem. No entanto a vitória está ganha e é de toda a justiça louvar a Direcção da Banda pelo «modus vivendi» que conseguiu para continuar a levar bem longe a fama deste torrão Minhoto, por intermédio da sua banda musical, uma das melhores do país, segundo os críticos abalizados.

Assim, damos por terminado este magno assunto, que, esta-

NOVOS ASSINANTES

Pelo Snr. Domingos M. da Siva, nosso conterrâneo e actualmente em Amadora Lisboa, foi-nos indicado o Snr. Manuel Silva, também nosso conterrâneo e ausente no Brasil, para novo assinante.

— Também pelo Snr. João Ribeiro nosso conterrâneo, fomos indicado o Snr. José Maria Cerqueira residente em Lisboa, para novo assinante.

Gostosamente fizemos as suas inscrições e já lhes enviamos o passado número.

ACIDENTE DE TRÂNSITO

Na estrada do Santuário da Nossa Senhora da Abadia, deu-se no passado dia 13 do corrente, um acidente de viação entre o carro de praça do motorista senhor Álvaro de Jesus Ribeiro, de Bouro e o ciclista Adelino Antunes Pires, solteiro, do lugar do Assento, freguesia de Valdozende, Terras de Bouro. As averiguações obtiveram o seguinte resultado: o motorista Álvaro seguia na referida estrada com destino a Valdozende, quando em dado momento, numa curva existente na referida estrada apareceu contra a mão o ciclista Adelino que em vez de se desviar para a sua mão o fez para o lado do motorista, sendo inevitável, desta maneira, o choque entre os dois veículos. O motorista, segundo as afirmações das testemunhas presenciais, não tem culpa no acidente, tendo feito todos os esforços para o evitar. Apesar disso, o ciclista sofreu ferimentos em diversas partes do corpo e na cabeça. A G.N.R. tomou conta da ocorrência.

VIDA ELEGANTE EM CAIRES

ANIVERSÁRIOS

Na passada quarta-feira — A gentil menina Julieta da Assunção Martins Dias.

Amanhã o snr. Francisco Machado Duarte.

Segunda-feira — O snr. José Manuel Barbosa de Macedo.

Terça-feira — O snr. José António de Sousa Arantes Menezes.

Quinta-feira — O snr. Leonildo Igídio Arantes Menezes.

Patronato de Santa Filomena

DADOS BIOGRÁFICOS

Santa Filomena nasceu de Família real, na Grécia, pelos fins do terceiro século. Aos treze anos, veio a Roma com seus pais. Admitida à presença do Imperador, pediu-a este em casamento. Filomena recusou a proposta sem um momento de hesitação, declarando que já se havia tornado esposa de Jesus Cristo, pelo voto de Castidade, quando tinha onze anos. O pai para atrair as graças do imperador e afastar a sua vingança, diligenciou todos os meios para ela aceitar a proposta imperial. Tudo foi baldado. Diocleciano, por sua vez, lançou mão de todos os meios, mas não conseguiu nada. Nem as blandícias e promessas, nem as ameaças e os tormentos lograram dobrar o ânimo da débil donzela. Açoitada barbaramente e reduzida a uma chaga viva, foi curada por dois anjos. Arremessada ao Rio Tibre com uma grande pedra ao pescoço saiu de lá inteiramente enxuta. Três vezes ordenou o imperador que a traspasassem com setas, e outras tantas a salvou Deus. À vista dos milagres que o senhor fazia para proteger a sua fiel serva, converteram-se à fé, numerosos gentios. Por fim, mandou Diocleciano que lhe cortassem a cabeça. Assim, gloriosa e triunfante, subiu ao Céu, a receber a coroa da virgindade e do martírio. Era o dia 10 de Agosto numa sexta-feira pelas três horas da tarde. Tinha, então, treze anos.

Tem sido bem visível e corrente, a protecção de Santa Filomena. Todos os meses, no dia 10 de cada mês, se celebra uma missa com a comunhão geral no Altar desta Gloriosa Santa, com numerosa assistência pelos generosos benfeitores do Patronato, que em breve, se pensa construir. Mandai os vossos donativos para a Tesoureira — Mor: Rosa Maria Veloso Ribeiro — Feira-Nova

O Secretário

mos disso convencidos, demonstrou sem subterfúgios, o drama que se desenrolou à volta desta magna questão.

D.

Domingos António da Silva Cunha, solteiro, agricultor, desta freguesia, queixou-se à G. N. R. contra Ambrósio Vieira, solteiro também da mesma freguesia, por este o ter agredido à navalhada, do que resultou ter ficado ferido no ombro esquerdo, no punho da mão esquerda e uma outra navalhada no cotovelo e além disso também se queixou, por o Ambrósio o ter ameaçado de que havia de apanhar mais. O Ambrósio já se havia queixado contra o Domingos por este o ter agredido à paulada, mas, agora, o caso é mais sério porque se trata de em instrumento perigoso, a navalhada. Com esta... não contava o senhor Ambrósio...

Movimento Judicial desta semana

Distribuído inventário de maiores por morte de Maria do Conceição da Silva, casada, que foi de Paradela de Frades-Bouro.

Cabeça de casal — Abílio Flor de Araújo, casado, do mesmo lugar e freguesia.

Julgamentos

Segunda-feira, dia 14, realizou-se audiência de discussão e julgamento da acção sumária que António da Silva, de Vilela, moveu c/ Clemente Marques Pereira da Silva e mulher, de Vilela. As partes fizeram uma transacção.

Terça-feira, dia 15, realizou-se a audiência de discussão e julgamento da acção sumária que José da Silva, de Paredes Secas, moveu c/ Domingos António Gonçalves e mulher, da mesma freguesia.

Realizar-se-ão durante a próxima semana, que vai de 21 a 26 do corrente mês de Abril, os julgamentos no Tribunal Judicial deste Julgado.

Neles intervirá já, o novo Delegado do Procurador da República Ex.º Sr. Dr. Flávio M. P. de Sousa.

EM BOURO (SANTA MARIA)

Virgílio de Jesus Gonçalves, solteiro, do lugar de Dornas-Bouro, foi queixar-se à G. N. R. contra Manuel José de Sousa, casado, proprietário, do mesmo lugar e freguesia, por este no dia 6 de Abril corrente (dia de Páscoa) o ter ameaçado de agressão, exprimindo palavras ofensivas da moral pública. No dia 9 do mês, passados portanto três dias e quando o ofendido se propunha meter uma água, foi à paulada e a sóco agredido pelo Manuel José de Sousa. Naquela altura, como não houvesse pessoas a presenciarem a agressão, o ofendido Virgílio esgaçou dois botões da camisola e duma casaca e calças do arguido Manuel, juntando-os à respectiva participação para provar a agressão.

Bilhetes - Cartas de Angola

XXXII

Bom Amigo:

A conversa nasceu como todas as outras: de um encontro.

Simple e risonho, de epiderme queimada pelo sol e fustigada pelas intempéries e também consumido como que em holocausto pelo pão de cada dia, o seu aspecto era de envelhecimento precoce.

Chamava-se João, aparentava vinte e cinco anos de idade, era solteiro, não tinha noiva, de profissão agricultor, como o eram também seus pais ainda vivos, e natural desse Minho verdejante e pituresco.

As dificuldades financeiras da casa paterna forçaram-no a tentar a sorte em Angola, já que, ela, teimosamente, continuava a não bafejar os seus.

Não trazia a enxada -- a sua fiel e honrada companheira de sempre -- que deixara atrás da porta da cozinha, nem mesmo o arado ou charrua que ficara na cabana da eira. Não dedilhava viola nem guitarra porque o único instrumento de corda que sabia tocar era o sino do campanário da sua igreja em Domingos preguiçeiros, para as devoções vespertinas.

A instrumental que o extasiava era o rumorejo da água, o sopro do

vento, o sussuro das folhas, o gorgueio dos passarinhos, o arrulho gemebundo das rolas e das pombas, o cacarejo das galinhas, o canto da cigarra, o latido do cão, o mugido da vaca, o balido da ovelha, o grunhido do porco, o miado do gato, o aboio ao gado nas lavouras de Maio e os madrigais dos rapazes e raparigas de seu lugar, pelos campos, no trabalho.

Sim, tudo isto e só isto constituía a sua música predilecta -- a sinfonia da sua aldeia -- a única que adorava.

Não o acompanhava a enxada nem o arado. Mas em compensação, bem mais vantajosa, era portador de uma alma grande, de um carácter nobre, de uma vontade de aço, e, sobretudo, trazia uns braços fortes e umas mãos calejadas, escadas estas, por onde a fortuna tantas vezes tem subido já.

Acabamos de falar. Deixei-o onde o havia encontrado: no convés do barco...

Enquanto a Lua, às mãos cheias, atirava um luar prateado que batia sobre as nossas cabeças e também se quebrava e refletia sobre a espuma das ondas desfeitas contra o bojo do navio, eu pensava: São assim os lavradores Metropolitana-

Tribuna Desportiva

EM MADRID

Espanha-A-1-Portugal-A-0

EM LISBOA

Portugal-B-0-Espanha-B-0

Portugal acaba de medir forças com o País vizinho, em Futebol, não saindo diminuído da luta.

O jogo que a selecção-A portuguesa efectuou em Madrid era considerado jogo fácil pelos espanhóis que esperavam vencer com facilidade os nomes representantes. Portugal actuou com tática definitiva bem planeada pelos responsáveis e melhor executada pelos jogadores que cumpriram à risca a lição que o mestre expôs na cabine. Encontraram assim os espanhóis forte resistência lusitana e tudo aquilo que previam fácil se tornou difícil e senão impossível, porque o árbitro do encontro inventou um livre que havia de dar a vitória aos nossos adversários num golo apontado por

nos e muito em especial os Minhotos, meu caro Pedro Lucas!

O velho abraço de sempre.

Boa-Fé, 13 de Abril de 1958.

GONZAGA DA CRUZ

Di Stefano, golo esse, que tem uma grande história, e ficará para a história. A Espanha embora dominando a maior parte do encontro, não conseguiu ser superior aos portugueses, e basta dizer que Carlos Gomes quase nada teve que fazer durante a partida. O resultado justo seria um empate a zero, pois os espanhóis a pesar de actuarem ao ataque não perderam nenhuma jogada de golo feito, enquanto Portugal jogando em toada defensiva teve duas oportunidades flagrantes para resolver o prélio, que só não resultaram porque Matateu e Duarte não tiveram a calma necessária para bater Carmelo. A nota saliente do encontro foi dada pelos portugueses que actuaram com uma calma extraordinária, parecendo ter acabado com aquele complexo de inferioridade que os assustava quando atravessaram fronteiras. Em Lisboa, aconteceu precisamente o contrário. Portugal actuou sempre em toada ofensiva enquanto os espanhóis jogaram com muita cautela sobre a defesa. Mais uma vez se provou que não temos sorte nos jogos interna-

TELEFONES MAIS UTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares . . .	62113
	62141
Câmara Municipal de Amares . . .	62121
Casa de Saúde de Amares . . .	62122
Correios (Amares)	62116
Caldelas	65116
Delegação de Saúde	62145
Amares	62127
Feira Nova	62124
Farmácias (Bouro)	3863
Caldelas	65121
Guarda Republicana - Amares . . .	62115
Hospital S. Marcos - BRAGA . . .	18
Amares	62120
Feira Nova	62117
Bouro	3867
Postos Públicos (Caldelas)	65120
Entre Pontes	7119
Goães	3862
Rendufe	7117
Sequeiros	65137

cionais. O jogo dos Bês não correspondem tecnicamente ao que se esperava. Jogou-se mais no Val de Jamor. Portugal mostrou falta de ligação no ataque embora na 2.ª parte tivesse melhorado bastante, ao contrário dos espanhóis que jogaram sempre mal e defendendo-se de qualquer maneira. Apesar de tudo, os desportistas portugueses não foram protestar junto do hotel onde se encontrava a caravana espanhola, como o fizeram os nossos vizinhos em Madrid à equipa Portuguesa. O resultado foi lisonjeiro para os espanhóis pois nós, mais uma vez, não tivemos visto em frente das balizas em jogos internacionais. Aquela bola atirada por José Augusto à barra, o remate de Faia com a baliza deserta e mesmo o castigo máximo perdoado pelo árbitro aos espanhóis quando José Augusto foi agarrado descaradamente dentro da área, fez com que nos fugisse uma vitória justíssima que mais uma vez não nos quis pertencer.

(Continua na 6.ª página)

"Folhetim da Tribuna Livre,, 66

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho - Usos e costumes)

Voltemos para casa disposto a transigir, por algum tempo, com os caprichos da minha cara metade...

É preciso levar bem a água ao meu moinho, embora o processo me traga algumas contrariedades.

À noite, quase à hora do jantar, o Morgado regressou a casa, depois de ensinar algumas maneiras para se apresentar junto da esposa.

Logo que entrou encontrou-a no pátio, a tratar de uns vasos de plantas, e deu-lhe a boa noite em tom quase que amistoso.

Parecia, de facto, que naquela ocasião estava de boa catadura, visto que, contra os seus antigos costumes, principiou a falar, sorridente, com a esposa e a propósito da próxima lavoura do campo da Charneca, pediu-lhe a sua opinião, principalmente no tocante ao número de pessoas que se devia chamar e à correctiva despesa que era preciso fazer com a sua alimentação.

Isto, contudo, não era mais do que captar as boas graças da mulher... de forma a ela pôr de parte, de uma vez para sempre, a ameaça com que... o assustara!

E, assim, nos dias subsequentes foi afrouxando um pouco a corda das suas exigências descabidas e vexatórias, em relação à D. Leopoldina.

A mulher, porém, desconfiara de tão rápida mudança na atitude do marido e ficou, sempre, com a pedra no sapato -- e com toda a razão, pois a cortezia do marido fôra sol de pouca dura, visto que ao fim de um mês, quando a julgou mais conformada, por não voltar a falar na ameaça, foi perdendo, a pouco e pouco, a maleabilidade e apertou, gradualmente, outra vez, a corda do seu rígido carácter de senhor absoluto no seu lar.

* * *

No domingo, ao jantar, o José disse para a esposa:

--Sabes, Maria Teresa, tudo está a correr à medida dos nossos desejos.

--Ainda bem, maridinho.

--O centeio nasceu muito bem distribuído e está a crescer, de dia para dia, a olhos vistos, robusto, entroncado.

--Os bois também estão muito medrados, pois não estão, meu amor?

--Sim, querida, pois têm sido bem tratados e, por enquanto, o trabalho não os apoquentou muito.

Além disso, os nossos campos estão cheios de erva que chegava para alimentar outro tanto gado.

--E as vacas já estão bastante gordas.

--Em Abril não se devem poder mover com o peso... e vão dar-nos um lucro muito apreciável.

--Que bem precisamos dêle, não é meu Zèzinho?

--Sim. Tu é que vais precisar mais dêle...

--Eu?!

--Sim, querida.

--Para quê?!

--Para te tratares... quando fores mamá...

--Ah? que engraçado!

--O quê?

--Quando o meu maridinho for, também, papá...

--Eu não quero que falte coisa alguma à minha encantadora mulherzinha e ao nosso bebèzinho.

--Ou bebèzinha!

--Eu preferia um rapaz!

--Para mim o que vier é sempre bom, tanto me faz um menino como uma menina.

--Para mim também... mas de preferência...

--Um rapagão, sádio, forte e robusto como o pai.

--Olha que me envaideces...

--Por ti ou pelo filho?

--Por mim e por êle...

--Se for rapaz, oxalá que saia em tudo ao pai.

--És uma adorável esposa.

--E tu um exemplar marido.

--É verdade, como se darão os nossos patrões?

(CONTINUA)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

Referiu-se em devido lugar que D. Teresa Anes de Vasconcelos, foi mulher de João Fernandes, senhor desta torre e tronco dos deste apelido de «Dornelas»; irmã de Rodrigo Anes que casou por sua vez com D. Mécia Rodrigues de Penela, filha do que então era senhor de Crasto, como atrás se disse.

A capela de S. Francisco, anexa do solar, com belíssima talha em seu altar, «renascença», entrou nele o apodrecimento pelo telhado em ruínas. Já foi reparado, mas tarde demais.

O frontal, do mesmo estilo, é de magnífica talha e de razoável estado de conservação. Tem ao centro o emblema do padroeiro—os braços em cruz, com roupeta.

As portas laterais do altar, têm uma *anno* e a outra 1772.

Está sepultado nela o P. e Francisco Teixeira que foi dono deste solar e quinta.

Tinha côro com serventia exterior e na frontaria a estátua de S. Francisco, de pedra.

Ao lado da Capela, e sobre o portal, está o brasão dos «Teixéiras».

Na padieira de uma porta do andar nobre do modesto solar em ruínas, tem a seguinte inscrição:

«fr.º de Sousa teix.º e sua me.ª esabella Oliveir.ª mandarão fazer estas casas forão comesadas no anno de 1672+1682».

Na verga de outras portas do andar inferior lê-se datas de 1616.

O foral novo, dado por D. Manuel a Entre-Homem e Cávado, trata, como se viu, desta freguesia, com a diferença que, onde havia de dizer «Dornelas», vem assim:

«E na freguesia DO DIVELAS pollos dous casaes de golpelhares dous bragaaes de sete varas o bragal».

FERREIROS

Está situada quase em planície; no entanto, disfruta de amplos e belos horizontes.

Conquistaram fama de serem geralmente muito formosas as mulheres desta freguesia, decerto por saberem melhor que noutras partes cuidar de seus arranjos e atavios.

Mais conhecida por *Feira-Nova*, desde que o mais importante e concorrido mercado concelhio aqui se fixou definitivamente; com a sua privilegiada situação, relativamente a todas as terras de Entre-Homem e Cávado, com o seu vasto terreiro no ponto crucial de toda a sua rede de comunicações, como vem a denunciar-se de remotos tempos, a Feira-Nova é, sem dúvida, já hoje o centro vital da região e os seus destinos estão postos em mãos de uma população unida e compreensiva, enérgica e bairrista, e que não ignora nem despreza essas naturais vantagens do seu engrandecimento a breve prazo.

Este interesse e aspirações vêm de longe; já no «*Minho Pitoresco*» (1886) se observa: «Cremos até que a Feira-Nova se propõe disputar primazias com Amares, e que pretende para si os loros de villa, que a esta pertencem...»

Esses foros ou regalias já os usufruiu pelo decreto n.º 40.251, de 8 de Julho de 1955, como foi referido; o seu desenvolvimento comercial e industrial a bom caminho, com o tempo e boa vontade, fará o resto.

O autor da citada obra decreve em seguida um episódio com o serviço postal, cuja estação então era na Feira-Nova.

A sua feira foi outrora muito concorrida de gado vacum e não se compreende por que o não é agora ou venha a ser no futuro.

* * *

Em 1706 andava por 96 fogos, a sua população, segundo Carvalho da Costa; em 1875, pela Corografia de Baptista, ia nos 222, com 844 almas; de momento e acordo com a estatística paroquial, tem os seus 350 fogos por 1.400 almas.

Distribui-se pelos lugares da *Feira-Nova, Igreja, Barrio, Cabo, Casais, Além, Outeiro, Corredoura, Bibirelos, Certão, Monte, Lage, Veiga, Rio-Bom, Vasconcelos e Bornaria*.

A Padroeira é *Santa Maria*, ou N. Senhora da Espectação ou do O'.

Era abadia da apresentação da mitra.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

O Snr. Manuel Pais, Sub-Chefe de música do Exército, aposentado, volta a ser o Director Artístico da Banda Musical de Vila Verde

Ao mesmo tempo que a Europa, era assolada por um temporal desteito, também se fez sentir outro temporal, e de não menos efeito, no meio musical de Vila Verde, devido a más interpretações (?) entre a Direcção deste organismo e o mesmo Snr. Manuel Pais.

Mas, como soi dizer-se que depois da tempestade vem a — bonança — e foi o que graças a Deus aconteceu, desanuviaram-se os elementos em guerra e voltou a acalmia para bem dos povos em geral e, portanto, para o povo de Vila Verde e para a sua banda musical.

Não queremos meter foice na seara musical por não termos competência para tal. Porém, fazemos parte da sua direcção, e como conhecemos os meandros que nos rodeiam, como aliás acontece adentro de todas as agremiações, sabemos o que custa levar uma nau destas a porto de salvamento.

Quando o povo reage contra aquilo que — quase sempre tem razão — considera um agravo aos seus legítimos direitos, ou, com mais propriedade, à sua qualidade de «bairrista» ou de contribuinte.

Das razões que motivaram o mal estar dos Vilaverdenses e dos componentes da banda e em especial da sua direcção, abstermo-nos de mais comentários por desnecessários, e serem do conhecimento público. Porém,

ISTO NÃO PODIA CONTINUAR ASSIM!

Ficou bem demonstrado, desde o princípio, o empenho premente de se chegar a uma conclusão palpitante para não ferir susceptibilidades, com agravante de despesas inglórias que de nada serviram. Pretendeu-se colocar tudo no seu devido lugar, com experiências

de toda a espécie, com autêntica abstenção de simpatias por este ou por aquele. A verdade, porém, é que a tremenda e a impressionante realidade dos factos pesava sobremaneira no espírito dos comentadores imparciais para os obrigar a não destruir aquilo que levou muitos anos a construir.

Toda a gente sabe que estou a referir-me aos dois últimos regentes que a banda de Vila Verde teve, srs. Manuel Pais e Artur Teixeira Bastos. Seria ridículo monospresar a competência musical destes dois mestres e não somos nós quem o afirmamos, mas sim a maioria dos componentes da banda que são

peçoas abalizadas na matéria. Porém, cada um é para o que nasce: Há grandes escritores que escrevem o que querem, mas não sabem improvisar um discurso; há grandes oradores que dizem o que querem e não sabem escrever gramaticalmente.

A comparação não será muito apropriada, mas é a única que nos ocorre de momento para sintetizar o nosso pensamento. Queremos dizer que, conquanto o sr. Teixeira Bastos, seja um bom compositor de música, o sr. Pais, é um grande ensaiador e regente, quali-

(Continua na 4.ª página)

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

FASE FINAL

Terminou a primeira mão da fase final do Campeonato Nacional da 2.ª divisão com o Covilhã a comandar com inteiro merecimento, seguido de perto pelo V. de Guimarães que não cede um palmo de terreno ao guia do torneio. Os jogos efectuados forneceram-nos os seguintes resultados:

V. de Guimarães 3-Atlético 1
Covilhã 6-Olhanense 1
Farense 2-Boavista 1

Em Guimarães o Vitória local recebeu o Atlético que está a fazer boa prova. Os alcantarenses não puderam resistir ao forte poder organizador dos Vimaraneses, sendo derrotado por 3-1, resultado que achamos justo para os donos do campo.

Na Covilhã, o Sporting local venceu estrondosamente o Olhanense por 6-1, fazendo uma grande exibição. Mais uma vez os covilhanenses mostraram ser sérios candidatos ao título, jogando com acerto na defesa e no ataque. Devemos salientar que os leões da serra terminaram a primeira volta sem derrotas, o que já não é mau para uma prova curta co-

mo esta, em que todos os pontos conseguidos são a base justa para a conquista do título, principalmente aqueles que se vão buscar a terreno alheio.

Finalmente em Faro, o grupo local não se deixou surpreender pelo Boavista, que dando boa réplica não evitou a derrota, embora pela tangente. O grupo xadrezado parece animado para a conquista do título que lhe daria direito a viver entre os grandes.

No final da primeira volta a classificação ficou assim ordenada:

Classificação

Classificação	P.
1.º—Covilhã	8
2.º—V. de Guimarães	7
3.º—Atlético	5
4.º—Farense	5
5.º—Olhanense	3
6.º—Boavista	2

Para o próximo domingo teremos os seguintes encontros:

Boavista—Olhanense
Covilhã—Atlético
Farense—V. de Guimarães

M. J.

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano 120\$00

AOS AMARENSES AUSENTES

A cada passo nos chega o agradecimento e a amizade dos nossos conterrâneos ausentes, elogiando o apreciado elo de ligação com a Terra Natal que constitui o nosso Semanário, mas como grande número desconhece ainda a existência de «Tribuna Livre», muito se agradece, aos que já são assinantes, nos enviarem listas dos seus vizinhos, para que possamos estabelecer contacto muito proveitoso. Prestar-se-á assim grande favor a todos e auxílio muito necessário a este mensageiro de Amares.

A todos se pede também a máxima diligência no pagamento das assinaturas, devido ao «déficit», com que ainda se luta, para manter em Amares um semanário da categoria do nosso.